



FILMES  
QUE AMO

— Lauro António

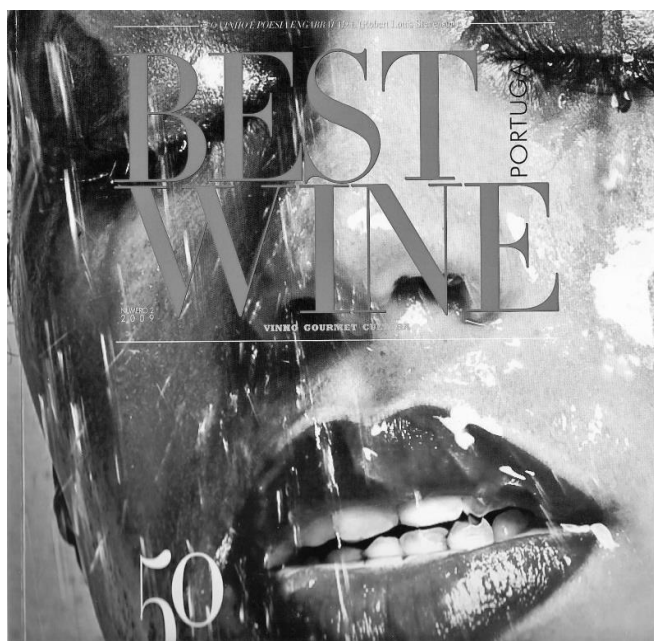
**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 30 DE MAIO, DE 2022 - 21H00**  
**MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)**

## FARRAPO HUMANO

**Título original: The Lost Weekend**

**Realização: Billy Wilder (EUA, 1945)**

### 1. DO VINHO NO CINEMA



### O VINHO E O CINEMA



Em 2009, apareceu uma revista que se chamava "Best Wine Portugal", obviamente dedicada a apreciadores de vinhos. No número 2, surgia logo uma rubrica (que teve vida curta, pois a revista também a teve, apesar da sua bela apresentação gráfica e da boa qualidade das colaborações) dedicada ao "Vinho e o Cinema". Obviamente que o autor era eu e nessa primeira abordagem tentava mostrar de que forma o vinho e o cinema se cruzavam ao longo dos tempos. História longa, com múltiplos aspectos. Não deve haver muitos filmes que não apresentem cenas com personagens bebendo o seu copo de vinho, whisky ou qualquer outra bebida dita alcoólica, generosa ou não. Acho mesmo que só Drácula e seus acólitos preferem sangue a álcool. Deve também haver filmes extremamente moralistas onde não se fala nem se mostra copos senão de água. Mas serão poucos. De resto, tanto o copo de vinho como o cigarro são (ou melhor eram, pois estão a ser eliminados dos filmes por ditas questões de saúde, sobretudo o tabaco) elementos que ajudavam imenso os actores. É sabido que uma das dificuldades dos actores (sobretudo dos menos dotados) é saber o que fazer com as mãos. Alguns ficam paralisados, sem saber o que fazer, onde colocar as mãos. Retirar um maço de tabaco, escolher um cigarro, colocá-lo na boca, acendê-lo e ir dando umas passas é uma excelente tábua de salvação. O mesmo acontece com o copo de vinho, que se leva aos lábios, que se pousa, que se ergue, com que se brinca nos dedos. Depois, há outro aspecto a considerar. Tanto o cigarro como o copo de vinho dão estilo, ajudam a acrescentar um certo charme à personagem. Recordemos o filme negro, um qualquer título. Desde o detective privado à mulher fatal, passando pelo gangster estiloso ou o mafioso sem carácter, todos consomem cigarros como chaminés e álcool em grande, mesmo durante a "Lei Seca" (se calhar mais ainda durante a "Lei Seca").

Há, pois, milhares de filmes com vinho nas entrelinhas, e vinho com muitas leituras possíveis. Há bebidas que se consomem habitualmente, às refeições, em festas, blind dates, e por aí fora. Com moderação. Há festas colectivas em que o caldo se entorna, com resultados inesperados (ou não). Despedidas de solteiro como em "A Ressaca", que terminam bastante mal. E há filmes sobre o vício, o alcoolismo, que conta com algumas obras particularmente interessantes. Mas mesmo neste campo há algumas diferenças. Há filmes sobre personalidades reais, lendárias, consumidas pela bebida, há outros sobre figuras ficcionadas, e há, finalmente, os que ostentam uma atitude francamente profilática, mais ou menos moralista. Estão, por exemplo, neste campo, "Farrapo Humano", de Billy Wilder, com Ray Milland e Jane Wyman (1945), ou "Escravos do Vício", de Blake Edwards, com Jack Lemmon e Lee Remick (1962).

Há, no entanto, muitos outros títulos a merecerem referência obrigatória. Vejamos alguns: "Morrer em Las Vegas", de Mike Figgis, com Nicolas Cage e Elisabeth Shue (1995), "Decisão de Risco", de Robert Zemeckis, com Denzel Washington e Nadine Velazquez (2012), "Confrontação", de Paul Schrader, com Nick Nolte, Sissy Spacek e James Coburn (1997), "Crazy Heart", de Scott Cooper, com Jeff Bridges e Maggie Gyllenhaal (2009), "Debaixo do Vulcão", de John Huston, com Albert Finney e Jacqueline Bisset (1984), "Arthur, o Alegre Conquistador", de Steve Gordon, com Dudley Moore e Liza Minnelli (1981), "Ray", de Taylor Hackford, com Jamie Foxx, Regina King (2004), "Bird - Fim do Sonho", de Clint Eastwood, com Forest Whitaker e Diane Venora (1988), "Lenny", de Bob Fosse, com Dustin Hoffman e Valerie Perrine (1974), "O Comediante", de Tony Richardson, com Laurence Olivier e Joan Plowright (1960), "Pollock", de Ed Harris, com Ed Harris e Marcia Gay Harden, (2000), "O Veredicto", de Sidney Lumet, com Paul Newman, Charlotte Rampling e James Mason (1982), "À Volta da Meia-Noite", de Bertrand Tavernier, com Dexter Gordon, François Cluzet (1986), "Barfly - Amor Marginal", de Barbet Schroeder, com Mickey Rourke e Faye Dunaway (1987), "Walk the Line", de James Mangold, com Joaquin Phoenix, Reese Witherspoon, (2005), "28 Dias", de Betty Thomas, com Sandra Bullock, Viggo Mortensen (2000) para só citar alguns títulos. A lista é infundável, sobretudo se lhe acrescentarmos as adaptações ao cinema de obras teatrais de alguns dramaturgos norte-americanos, tais como Tennessee Williams ("Gata em Telhado de Zinco Quente", "Corações na Penumbra", "A Noite da Iguana"), Eugene O'Neil ("Longa Viagem para a Noite") ou Edward Albee ("Quem Tem Medo de Virginia Woolf?"). Há ainda as várias versões de "Assim Nasce Uma Estrela" desde a de George Cukor (1954) até à mais recente de Bradley Cooper (2018).

De entre todos estes títulos sobressaem interpretações magníficas de actores que ficam para sempre ligados a estes trabalhos. Jack Lemmon, Jeff Bridges, Albert Finney, Forest Whitaker, Dustin Hoffman, Laurence Olivier, Paul Newman, Sandra Bullock, Richard Burton são nomes que não se esquecem, para só citar alguns. Mas, ao lado desses protagonistas de dramáticas descidas aos infernos, eu tenho uma outra galeria de notáveis actores que tornaram inesquecíveis certas personagens secundárias. Começemos por Dude, el 'Borrachón' (Dean Martin), no magnífico "Rio Bravo". Ainda no western, há que recordar Lee Marvin, na criação de Shelleen / Strawn, nesse delirante "Mulher Felina" (Cat Ballou). Depois, nunca esquecerei Walter Brennan, na criação de Eddie, no mítico "Ter ou não Ter", e, finalmente, é imperdoável não citar Arthur O'Connell, o Parnell Emmett McCarthy, no brilhante "Anatomia de um Crime". São estes os meus alcoólatras preferidos. De estimação.

## 2. FARRAPO HUMANO (1945)



Billy Wilder é dos realizadores norte-americanos mais conceituados e de melhor recordação em vários registos (ele que nasceu em 1906, em pleno Império Austro Húngaro, numa cidade chamada Sucha Beskidzka, hoje inscrita no território da Polónia, e que viria a falecer, em 2002, com 95 anos, em Los Angeles, Califórnia, EUA). Na verdade, quase todos recordam o Billy Wilder autor de comédias, com o seu humor caustico e cínico, tão europeu, e obras como "Quanto Mais Quente Melhor", "O Pecado Mora ao Lado", "O Apartamento", "Ariane", "Sabrina", "Como Ganhar Um Milhão",

"Beija-me, Idiota", "Irma la Douce", "Primeira Página" ou "Os Amigos da Onça" mostram bem a qualidade do humor deste moralista impiedoso que tanto se dava bem na comédia dramática como na sentimental, não descurando nunca a comédia ligeiramente burlesca, onde terá assinado a obra-prima absoluta, "Quanto Mais Quente Melhor".

Mas no drama esteve tão à vontade como na comédia, cruzando sempre este género com o filme negro, em obras como "O Grande Carnaval", "Farrapo Humano", "Pagos a Dobrar", sem esquecer esse outro monumento da sétima arte que se chama "Crepúsculo dos Deuses" e a sua sequência, "O Segredo de Fedora". No filme de guerra deu-nos uma obra-prima, "Inferno na Terra", ou a "A Águia Solitária" e não deixou de se interessar pela temática do policial e do filme de tribunal, com o brilhante "Testemunha de Acusação", mas também com essa investigação privada sobre "A Vida Íntima de Sherlock Holmes". Um autor completo, de uma coerência imperturbável, mudando de género sem nunca mudar de estilo nem de olhar. Todos os seus filmes são "puro" Wilder.



"Farrapo Humano" é, seguramente, um dos melhores filmes alguma vez realizado sobre o alcoolismo. Vindo de um homem que cultivava como ninguém o humor, um dos aspectos mais marcantes desta obra é, precisamente, a forma contida, rigorosa e algo austera como aborda um tema que facilmente pode cair na caricatura ou na rábula de facilidade evidente. Nada em "The Lost Weekend" resvala para a facilidade, muito pelo contrário. Há em "Farrapo Humano" um clima que se vai adensando à medida que a obra decorre, intensificando o lado dramático, criando imagens cada vez mais atormentadas e dolorosas.

Nova Iorque, anos 40. Don Birman (Ray Milland), escritor, persegue um novo romance, mas está perfeitamente obcecado pela bebida. Tem marcado um fim de semana fora da cidade, juntamente com o irmão (Phillip Terry), pelo que a namorada, Helen St. James (Jane Wyman), editora de uma revista, se vem despedir dele. Don, porém, vai adiando a decisão de sair, inventando novos afazeres, até conseguir ficar sozinho no seu apartamento durante esse fim de semana de absoluta dependência. Sem dinheiro, e sem bebidas em casa, vai forjando novos métodos de arranjar forma de comprar as garrafas de whisky de que não se pode afastar até perder por completo a consciência e entrar num processo de delirium tremens, que o leva a ser internado numa clínica, de onde consegue evadir-se. E o calvário prossegue, numa escalada de humilhação própria, que dá bem o retrato dos perigos do alcoolismo.

Há momentos de um extremo dramatismo, como a estadia de Don no hospício, onde se confronta com outros doentes gravemente atingidos pela mesma dependência, assim como a visão aterradora de certos pesadelos, como o morcego que come um rato que sai de um buraco de uma parede. Uma visão nada meiga de Don durante um dos seus períodos críticos. Mas o cinema de Wilder é de uma grandeza e imaginação visual brilhantes. Quando Don viaja pelos bares da sua zona e vai ingerindo sucessivos cálices, o cineasta dá-nos essa sucessão de uma forma extremamente económica: as marcas dos cálices deixadas sobre o tampo do balcão vão-se multiplicando sugerindo assim as incessantes bebidas.

Para lá da excelência da realização e da escrita do argumento, a que está igualmente ligado Billy Wilder, juntamente com Charles Brackett, partindo de um romance de Charles R. Jackson, deve ainda salientar-se a excelente fotografia de John F. Seitz, que abre e fecha o filme de forma simétrica, de início com uma panorâmica sobre a cidade, até enquadrar uma janela, donde pende, presa por uma corda, uma garrafa, para, no final, uma panorâmica invertida, partindo da janela abre sobre a cidade, nos devolver ao caso colectivo. Não esquecer ainda o bom trabalho de Ray

Milland, que lhe valeu o Oscar de melhor Actor nesse ano. Ano em que ganharia ainda o Globo de Ouro, na mesma categoria, bem como o Prémio de Interpretação Masculina, no Festival de Cannes, e ainda os equivalentes nos prémios do National Board of Review e do New York Film Critics Circle Awards. Um ano em cheio para uma interpretação que foi unanimemente reconhecida.

"The Lost Weekend" ganhou igualmente os Oscars para Melhor Filme, Melhor Realizador e Melhor Argumento Adaptado, tendo sido nomeado para Melhor Montagem, Melhor Fotografia a preto-e-branco e Melhor Partitura Musical, esta da responsabilidade de Miklós Rózsa, e igualmente muito importante para a criação do clima angustiante desta obra excepcional.



## **FARRAPO HUMANO**

Título original: The Lost Weekend  
Realização: Billy Wilder (EUA, 1945);  
Argumento: Charles Brackett, Billy Wilder, segundo romance de Charles R. Jackson;  
Produção: Charles Brackett;  
Música: Miklós Rózsa; Fotografia (p/b): John F. Seitz; Montagem: Doane Harrison; Casting: Robert Mayo, Alice Thomas; Direcção artística: Hans Dreier, A. Earl Hedrick; Decoração: Bertram C. Granger; Guarda-roupa: Edith Head; Maquilhagem: Wally Westmore, Jack Daniels, Doris Rowland, William Woods; Direcção de Produção: Richard Blaydon; Assistentes de realização: Douglas Bridges, Charles C. Coleman, Tex Harris; Departamento de arte: Jack

Colconda, Gene Lauritzen, Charles Mason; Som: Stanley Cooley, Joel Moss, William Pillar; Efeitos visuais: Farciot Edouart, Gordon Jennings, Loyal Griggs, Paul K. Lerpae, Harry Perry; Companhias de produção: Paramount Pictures; Intérpretes: Ray Milland (Don Birnam), Jane Wyman (Helen St. James), Phillip Terry (Wick Birnam), Howard Da Silva (Nat), Doris Dowling (Gloria), Frank Faylen ('Bim' Nolan), Mary Young (Mrs. Deveridge), Anita Sharp-Bolster (Mrs. Foley), Lilian Fontaine, Frank Orth, Lewis L. Russell, Andy Andrews, Gene Ashley, Walter Baldwin, Harry Barris, Ian Begg, Eddie Borden, Jess Lee Brooks, Jack Rube Clifford, John Deauville, John Garris, Jayne Hazard, Jerry James, Stan Johnson, Eddie Laughton, Perc Launders, Theodora Lynch, Pat Moriarity, William O'Leary, Peter Potter, Stanley Price, Craig Reynolds, Lester Sharpe, Lee Shumway, Al Stewart, Harry Tenbrook, Milton Wallace, etc. Duração: 101 minutos; Distribuição em Portugal: Universal; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 24 de Outubro de 1947.

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 6 DE JUNHO, DE 2022**

**MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 21H00 (entrada livre)**

**FELLINI 8½**

**Título original: 8½**

**Realização: Federico Fellini (Itália, 1963)**

**Duração: 138 minutos | M/12**